

PCB defende frente única para além das eleições

Por Camila Beraldo Maia,
Guilherme Zocchio
e Paula de Paula

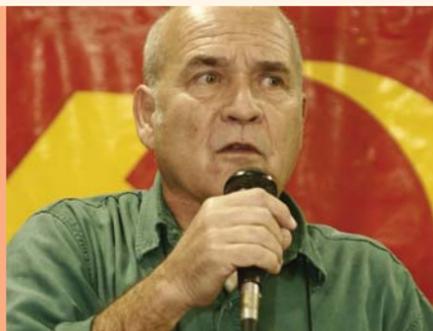
Candidato do Partido Comunista Brasileiro (PCB) à presidência do país, Ivan Pinheiro fala ao **Contraponto** sobre a candidatura, a mídia e o momento da esquerda hoje no Brasil

Contraponto – Como candidato que defende o socialismo, acredita que seja possível chegar a ele através da eleição em uma democracia representativa?

Ivan Pinheiro – Não. Estamos lançando, na realidade, a minha candidatura, que não é uma candidatura minha, é uma tarefa do partido, é quase uma anti-candidatura. É um manifesto contra a política, a democracia burguesa. Não tenho a ilusão de vencer a eleição, muito menos de ir ao segundo turno. O balanço que vamos fazer da nossa campanha será político, e não eleitoral. Mais do que voto, vamos pedir reflexão política. Vamos denunciar o capitalismo e fazer um contraponto à propaganda que majoritariamente será veiculada, em que os candidatos não dizem o que pensam: falam o que os marqueteiros disseram que é conveniente pra ganhar voto. Não vai ser o presidente que vai decretar o socialismo. Se estamos falando de socialismo como ruptura com o capitalismo, é impossível transitar para o socialismo pela institucionalidade burguesa.

CP – Pretende usar como o espaço cedido na propaganda eleitoral?

IP – Fazer um contraponto a tudo que estará sendo dito ali. Vamos construir um cenário de transição e, didaticamente, dizer na televisão pro povo que não é através das eleições que se transitará para o socialismo. Vamos apresentar cinco eixos. Primeiro, a questão do Estado: defender mais e melhor Estado. Vamos propor um Estado forte – mas não a serviço da burguesia, como é no capitalismo – a serviço da maioria da população, um estado forte controlado pelos trabalhadores e a serviço deles. Outro eixo é o de mais e melhores direitos, como a estatização do sistema de saúde, de educação, a redução da jornada de trabalho. Um



Portal de notícias R7

“Nós defendemos que a esquerda precisa de uma frente política permanente, que se reúna e pra lutar pra muito mais do que eleição, mas pra lutar juntos, nos anos pares e nos anos ímpares”

eixo também de mais qualidade de vida, denunciando o capitalismo como grande predador da natureza e propondo um conjunto de ações de defesa do meio-ambiente. Um quarto eixo, a questão de mais e verdadeira democracia, denunciando a farsa da democracia representativa e propondo uma constituinte livre e soberana. A ênfase nossa é na democracia direta, não na representativa, que você vota no sujeito e vai dormir, depois volta pra votar em outro. Queremos que o povo tenha protagonismo. E o quinto é o eixo de internacionalismo proletário, solidariedade internacional e soberania nacional, que vai colocar o Brasil na luta contra o Imperialismo na América Latina.

CP – Por que nesse ano não se articulou uma Frente de Esquerda de PCB, PSOL e PSTU, como em 2006, que foi capaz de angariar 7% dos votos com a Heloísa Helena?

IP – Em 2006 esses 7% tinham um pouco a ver também com a popularidade que a Heloísa Helena gozava naquele momento. Porque tinha acabado de acontecer o “Mensalão”, ela foi uma das senadoras mais combativas e o Brasil estava todo voltado para esse episódio. Não significa necessariamente a força desses três partidos. Mas desde 2006 nós defendemos que aquela Frente não poderia ser uma mera coligação eleitoral. Nós defendemos que a esquerda precisa de uma frente política permanente, que se reúna e pra lutar pra muito mais do que eleição, mas pra lutar juntos, nos anos pares e nos anos ímpares. Não é só porque tem eleição que a esquerda tem que se unir. Porque a Frente de Esquerda de 2006 foi uma mera coligação eleitoral, que se dissolveu assim que a campanha acabou e não tinha sequer um programa mínimo. Não sei se sabe disso. Não tinha programa.

CP – Mas não chegou a ter uma reunião, uma só, em que apareceu um programa socialista?

IP – Uma reunião forçada. A Heloísa Helena não queria nenhuma reunião, porque ela se considerava preparada – como se o problema fosse de preparo, e não de um processo coletivo. Não tinha coordenação de campanha. E essa reunião foi arrancada, porque ela [Heloísa Helena] iria ao vivo a um programa para a TV Globo, e no Rio [de Janeiro] nós conseguimos que ela participasse de uma reunião. Nessa reunião discutimos fazer um programa. Infelizmente o PSOL, dessa vez, sofreu para escolher uma candidatura eleitoral. Isso atrasou os entendimentos. Eles estavam num momento difícil. O candidato do PSOL eu acho que pro PCB, dos que o PSOL tinha como disponíveis, é o melhor deles. Diria que, se o PCB não tivesse registro nem candidato, garanto que, dentro desse quadro da esquerda, o PCB ficava todo com o Plínio Arruda Sampaio. Vamos procurar fazer uma única campanha política. Dá pra fazer um programa mínimo comum. Vamos fazer de ter três candidatos um fator positivo.

CP – E quais são as principais divergências entre o seu e os outros partidos para não formar essa Frente?

IP – O que tem dado problema são posições hegemônicas. É impossível fazer qualquer frente, qualquer unidade, se alguma força pretende ser hegemônica e excludente, auto-referente, se auto-proclamar a grande revolucionária, atribuir aos outros “tudo que os outros dirigem tem uma crise de direção porque não somos nós lá”. Com este tipo de comportamento, não se vai construir nada. Enquanto tiver essa pretensão hegemônica e essas posturas hegemônicas, não vai dar certo.

quizocchio@gmail.com

pauladepaula2@gmail.com

Debates excluem candidatos

O primeiro debate com os candidatos a presidente da República marcou o começo de agosto. Foram convidados pela organizadora, a TV Bandeirantes, os candidatos Dilma Rousseff (PT), José Serra (PSDB), Marina Silva (PV) e Plínio Arruda Sampaio (PSOL).

Eles foram escolhidos a partir da lei eleitoral sobre debates televisivos, na qual são obrigados a participar todos os candidatos cujo partido tem representação de no mínimo três parlamentares na Câmara Federal. Assim, outros cinco candidatos foram excluídos.

A discussão ficou um pouco polarizada entre aqueles com maior intenção de votos nas pesquisas, Dilma e Serra. Mas, sem haver exaltações, alguns jornalistas chegaram inclusive a caracterizar o debate de “morno”.

Questões como segurança, impostos, saúde e saneamento básico foram centrais. Serra e Dilma exaltaram as medidas dos governos de seus partidos na presidência com Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, respectivamente.

Plínio foi um dos destaques. Na fala inicial ressaltou a importância da presença de todos os candidatos e o fato da mídia destacar apenas alguns. E foi irônico com Serra chamando-o de “hipocondríaco” e com Marina, nomeando-a de “ecocapitalista”. A candidata do PV teve aparição discreta.

Foi apenas o primeiro confronto entre alguns dos que disputam a presidência do país. Outras redes de televisão e portais na internet já marcaram a data de seus debates, provavelmente com os mesmos candidatos.